

55

ROCHA PEIXOTO

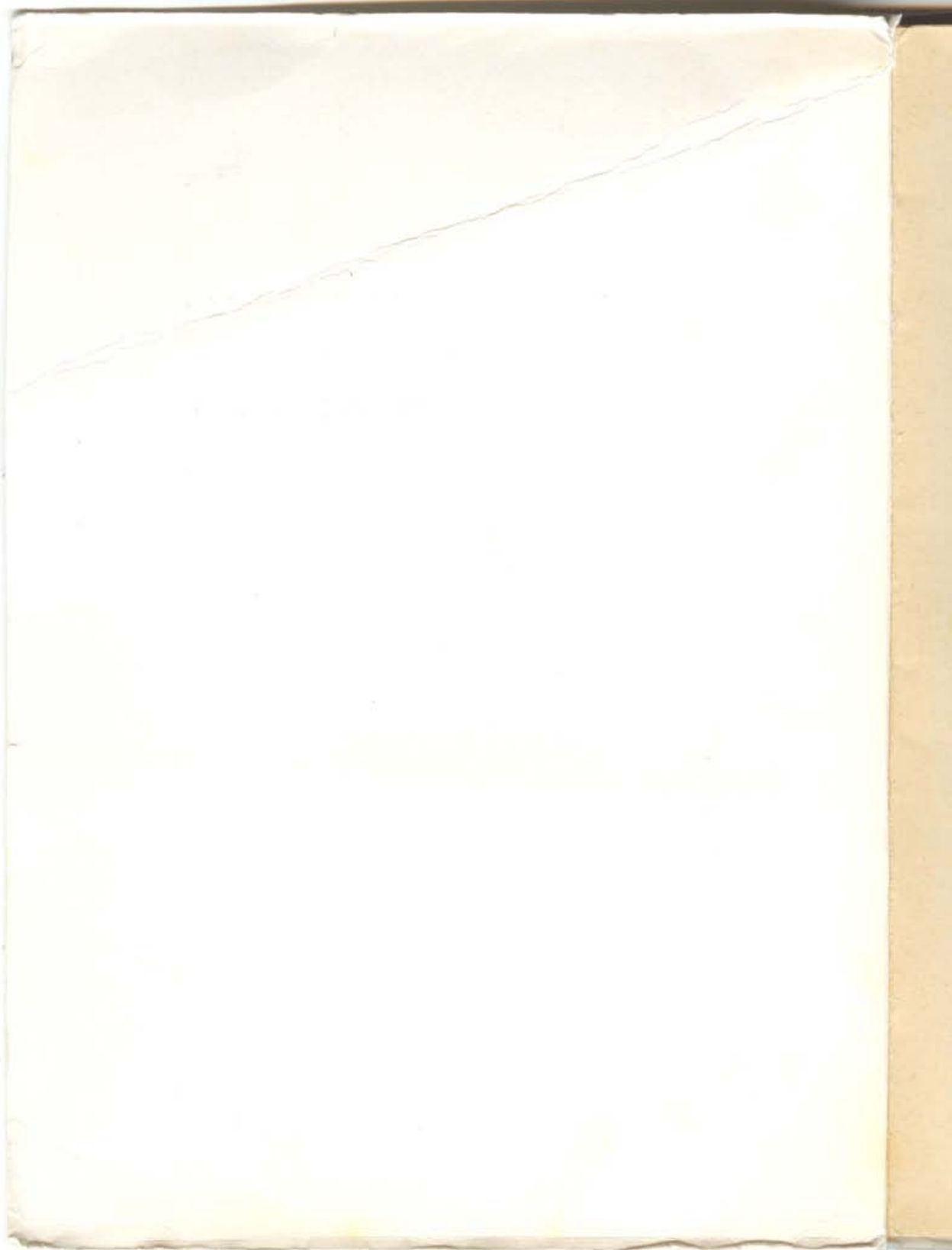
(DEPOIMENTOS E MANUSCRITOS)

SELECCÃO E NOTAS
de
FLÁVIO GONÇALVES

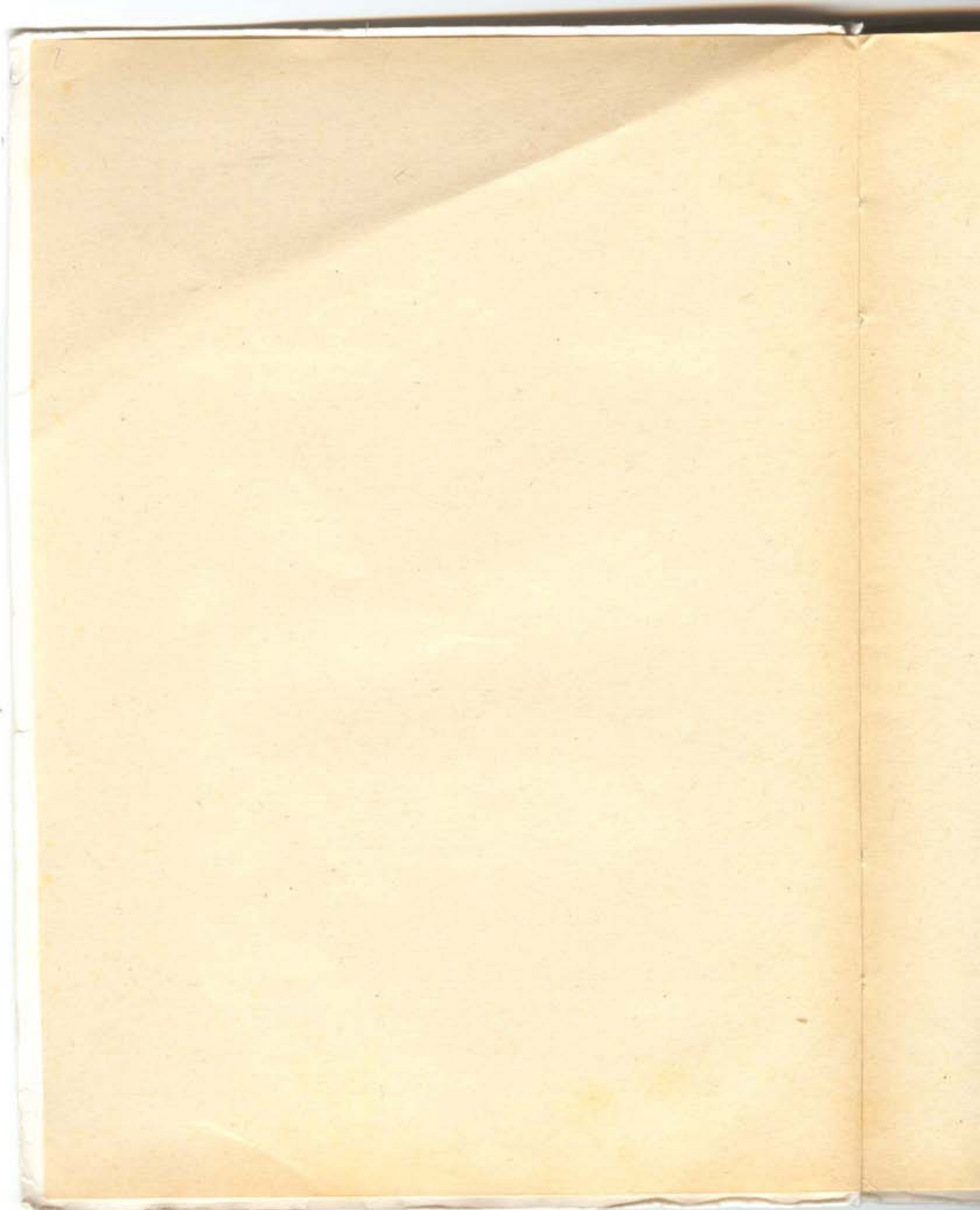
EDIÇÃO DA CÂMARA MUNICIPAL
DE MATOSINHOS

1966





Ex. R. Peixoto
Bibl. passiva



ROCHA PEIXOTO
(DEPOIMENTOS E MANUSCRITOS)

ROCHA FÉIXOTO
DOCUMENTOS E MANUSCRITOS

ROCHA PEIXOTO

(DEPOIMENTOS E MANUSCRITOS)

SELECÇÃO E NOTAS
de
FLÁVIO GONÇALVES

EDIÇÃO DA CÂMARA MUNICIPAL
DE MATOSINHOS

1966

CMPV
BIBLIOT. MUN
Data 01.07.91
Num. 24594
Cota

8523

ROCHA PEIXOTO

(RESCINDIDOS E MANUSCRITOS)

SECRETARIA DE JUSTIÇA

REDAÇÃO DE DOCUMENTOS

SECRETARIA DE JUSTIÇA
REDAÇÃO DE DOCUMENTOS

SECRETARIA DE JUSTIÇA
REDAÇÃO DE DOCUMENTOS
REDAÇÃO DE DOCUMENTOS
REDAÇÃO DE DOCUMENTOS

ROCHA PEIXOTO

por *Manuel Monteiro* (*)

Individualidade proclamada desde o alvoroço distante das escolas não cessou de crescer até ao momento em que um mau Destino a colheu na febril e fecunda actividade do seu espírito.

Ferido pelo infortúnio amargo, na doce alvorada da juventude, Rocha Peixoto teve que desviar-se, de súbito, da sua marcha e do seu fito para entrar, desde logo, na vida lutando.

Excepcionalmente dotado, porém, triunfou, não usando contudo de meios menos lícitos para alcançar a *réussite* à semelhança dos medíocres e dos avariados. A par da sua enorme envergadura mental servida por um saber complexo, brilhavam a nobreza do seu carácter e a lisura da sua conduta. De resto como todos os fortes e vencedores era um homem de coração.

Não houve ninguém, ou raro foi aquele que o topando entregue ao próprio esforço na ladeira difícil da existência e lhe solicitasse o seu auxílio que o não tivesse, pronto e seguro, com a solicitude emergente da sua encantadora bondade.

No entanto e apesar de tudo sentiu muitas vezes

(*) Artigo publicado in: *Arte. Archivo de Obras de Arte*, ano V, n.º 54 (Porto, Junho de 1909), pp. 42-46.

a dolorosa crueza da ingratidão e da vileza humanas. O conhecimento dos homens e da sua irreductível torpeza tornaram-no retraído e, cada vez mais, recolhido à intimidade e ao culto da família, no seio da qual, imediatamente, se abria o seu temperamento espirituoso e comunicativo e a sua jovialidade espontânea, como a espuma clara que borbulha à flor da água desnevada e límpida.

Por outro lado, presentindo que tinha feito a maior parte do seu percurso, isto é, que tinha vivido mais do que lhe restava para viver, profundamente se alegrava e comovia com o aparecimento, o encontro, a epístola mesmo de algum cordial amigo que lembrava os tempos e os sonhos da saudosa e apagada mocidade.

Quantas vezes a não ia, enternecidamente, evocar e reviver transitando, em passadas lentas e saborosas, pelos sítios onde ela mais havia estuado e a que mais fundas e mais gratas reminiscências haviam ficado presas! Porque da sua mocidade promanava o aturado labor e o radioso entusiasmo por um ideal que havia escandecido os cérebros juvenis da sua geração.

Ora a geração a que Rocha Peixoto pertenceu foi, sem dúvida alguma, a última de brilho que viram as escolas do Porto.

O espírito que a animou não foi, decerto, o duma conformação e compostura ante o existente, mas, por sólidamente sabedora e audaz, o duma atitude aguerrida contra a ignorância, e contra a tolice que sempre foram o apanágio desta pátria envilecida.

Portanto esse grupo em que cachoava o verdor dos vinte anos rompeu em fogo de revolta e demolição contra o estatuído e consagrado nos domínios do saber oficial; e por tal forma foi dirigido que surpreendeu e provocou a curiosidade geral.

Donde viria assim apetrechado e adestrado o primeiro iconoclasta?

Ninguém o sabia, apenas se relacionava o seu nome com o dum conhecido professor da Universidade.

Esse rebelde, erudito e ciente, era Rocha Peixoto que aos dezanove anos promovia uma das mais luzidas campanhas que a Arte ainda teve em seu favor em Portugal.

Mas esse conclave de moços, que começavam a esquadrinhar a história, a destrinçar a raça, a anotar o costume, a tradição e a crença, a revolver o solo, e, consequentemente, a estabelecer os planos e projectos duma íntegra regeneração nacional, enquanto a fusilaria do combate se cruzava com fragor, lançava os alicerces duma obra duradoura e patriótica com a fundação da Sociedade Carlos Ribeiro que teve por órgão a *Revista de Ciências Naturais e Sociais*.

Duma e doutra, que uniram no mesmo objectivo quase toda a aristocracia da mentalidade nacional, foi Rocha Peixoto, verdadeiramente, a alma.

Nessa publicação, a melhor do seu género entre nós, além duma colaboração ininterrupta e de somenos importância que documentava todavia a soma e a latitude dos seus conhecimentos deixou ele uma memória etnográfica — *Notas sobre a Malacologia popular* — que mereceu a mais lisonjeira atenção de Paul Sébillot e outra antropológica — *A Tatuagem em Portugal* — que encontrou em Lombroso um efusivo aplauso e um acolhimento singular e lhe deu entrada na agremiação dos nossos *imortais* (*).

(*) A publicação de *A Tatuagem em Portugal* (1892) contribuiu para que Rocha Peixoto fosse nomeado sócio correspondente da *Academia Real das Ciências* de Lisboa (Vide: «Rocha Peixoto», in *O Primeiro de Janeiro*, do Porto, de 20 de Março de 1902, p. 2). Na parte do espólio de Rocha Peixoto que se guarda na Biblioteca Municipal da Póvoa de Varzim con-

Tinha então vinte e três anos — a idade das lindas aspirações que a desventura principiara a deitar por terra, lento e lento, como as folhas doiradas do outono que o leve sopro do vento derruba.

Data de pouco antes, com efeito, o seu desvio no rumo traçado.

A sua actividade, então, arrancada abruptamente das aulas (1890-1891) e lançada noutra trilha, foi-se desdobrando mais e mais no desempenho de comissões científicas, nas funções de naturalista da Politécnica, onde a sua competência ficou desde logo e para sempre assinada, no cargo de professor da Escola Industrial e numa extraordinária vulgarização científica, na imprensa periódica, em que, pormenorizadamente, e por uma forma atraente e adorável, explicou e revelou ao público, ignaro e indiferente, os palpitantes *Assuntos Coloniais* e a *Terra Portuguesa* (*).

Entretanto a *Revista* continuava mercê da sua infatigável energia e do seu cuidadoso amparo porquanto a Sociedade Carlos Ribeiro, se bem que oficialmente se mantivesse, na verdade, deixara de existir, pois assim o determinara a inelutável e fatal exigência da Sorte: uns sócios haviam-se escondido na sombra da morte, outros, foram arredados para longe nas ondas amargas da dispersão da Vida.

Um destes, Ricardo Severo, o amigo querido, con-

serva-se a carta que o secretário da 1.^a classe da Academia escreveu a Rocha Peixoto quando lhe enviou o respectivo diploma de académico da Classe de Ciências Matemáticas, Físicas e Naturais. A carta tem a data primitiva de 5 de Outubro de 1895, mas esta data foi riscada e substituída pela de 3 de Março de 1896.

(*) Referência aos volumes de Rocha Peixoto intitulados *Produtos Agrícolas das Colónias Portuguezas* (Lisboa, 1895) e *A Terra Portugueza (Chronicas Scientificas)* (Porto, 1897).



Rocha Peixoto (o primeiro, à esquerda) com as suas irmãs solteiras, D. Augusta Camília e D. Maria Beatriz, e o seu parente e grande amigo Dr. Manuel Monteiro (Santiago de Compostela, começos do século actual).



seguira voltar, porém, opulento, e, com o ardor de início, no propósito inabalável de realizar um dos sonhos dos alvares da mocidade.

O órgão da Sociedade findou, pois, no vigésimo fascículo e quinto volume, com a *Notícia Biográfica* de Carlos Ribeiro, o sábio emérito, e com a *Nótula Histórica* desse agrupamento subscrita por Rocha Peixoto (1898).

Foi então que se gerou a *Portugalia*. Não é para detalhar aqui a sua lida no congregamento de afeições, na conquista de colaboradores literários e artísticos, na organização material e estética dessa grande tuba que revelou ao universo, sob a mais alta expressão da Ciência portuguesa e num esplêndido revestimento formal, a nossa *Grey*.

A esse monumental e radioso Arquivo, sobre que pesa a amarga incerteza do Destino e que fora o resultado duma cândida, simpática e patriótica idealização, ligou Rocha Peixoto o melhor do seu talento e do seu coração e dele foi, também, a alma vivificadora quase até à hora do seu passamento.

Nos dois volumes ficaram os seus trabalhos mais notáveis⁽¹⁾, fundamentados numa documentação colhida em flagrante, num eruditismo vasto, e expressos na prosa mais artística e sedutora que estudos congêneres jamais viram neste país; o seu valor, de resto, avulta ainda pela orientação segura, pelo método lúcido e pela superioridade com que foram expostos.

Neles se acham talhados, como elementos arquiteturais dum soberbo edificio a construir e cortados num mármore admirável e eterno, outros tantos capítulos da

(1) *Os Palheiros do Litoral, As Olarias de Prado, Uma iconografia popular em Azulejos, Iluminação popular, Tabulae Votivæ, As Filigranas*, etc., etc., etc.

Etnografia nacional para que há tantos anos andava a trabalhar com afincos e paixão.

Vinha de longe, com efeito, esse extenuante inquérito à pátria pesquisando todos os filões inexplorados e percorrendo as regiões mais ásperas, mais remotas e mais isoladas do reflexo, sequer, da civilização.

Não se avalia os sacrifícios de toda a ordem que lhe custou essa tarefa eminentemente patriótica, por infelicidade, não acabada.

Dela foi consequência última o magistral estudo das *Sobrevivências do Regimen Comunalista em Portugal* (sumário duma monografia inédita), cuja revelação causou uma real surpresa, não só em Portugal, mas também lá fora.

Mas um ano volvido sobre o aparecimento da *Portugalia* (1899), onde as suas qualidades de escritor e de sábio se acentuaram com tanto relevo e destaque, era ele chamado a dirigir a Biblioteca e o Museu municipais do Porto (1900) em que o seu espírito mais uma vez e em novas facetas teve ensejo de manifestar a amplitude das suas poderosas faculdades.

Perfeitamente à altura da missão a cumprir e a par do moderno labor científico, literário e artístico, organizador e esteta, foi uma providência para os dois estabelecimentos de educação a cujo desenvolvimento se dedicou com um fervor inexcedido e inexcedível. Ampliou e reformou instalações, aumentou secções, preencheu lacunas, enriqueceu colecções...

De resto, através da sua existência, rapidamente conspectada, ainda teve tempo e oportunidade para fazer, pela palavra e pela escrita, um largo proselitismo ao serviço da Ciência e da Arte nacionais.

Consequentemente, a vida de Rocha Peixoto toda consumida numa actividade febril e incessante, que não

teve outro repouso senão o que lhe deu agora o túmulo, foi um alto exemplo de virtudes e uma nobilíssima lição de civismo, neste país, tão falho de iniciativa e vontade, honestidade e saber, e para o qual esperava melhores dias, quando sob uma nova forma política, a que o teve sempre como um partidário convicto, apaixonado e firme.

Se, como julgava Montesquieu, uma bela vida é um pensamento da juventude realizado pela idade prudente, a de Rocha Peixoto, não só pela sua Obra e pelos seus resultados, mas ainda pela sua admirável abnegação, foi estranha e singularmente bela.

Junho — 1909.

ÍNDICE GERAL

	Págs.
<i>Prefácio</i> , por Flávio Gonçalves	7
<i>Principal bibliografia de Rocha Peixoto</i>	10

DEPOIMENTOS

<i>Era uma vez...</i> , por João Barreira	17
<i>A. A. da Rocha Peixoto</i> , por Joaquim de Araújo	25
<i>Rocha Peixoto</i> , por Augusto Nobre	29
<i>O Rocha Peixoto</i> , por Vasco Ortigão de Sampaio	42
<i>Rocha Peixoto</i> , por A. D. [Avelino Dantas?]	47
<i>Rocha Peixoto</i> , por João de Barros	52
<i>Rocha Peixoto</i> , por Manuel Monteiro	57
<i>Rocha Peixoto</i> , por M. Vieira Natividade	64
<i>Recordação</i> , por José Pinho	71
<i>A. A. da Rocha Peixoto</i> , por António dos Santos Rocha	75
<i>Rocha Peixoto</i> , por Luís de Magalhães	78
<i>Rocha Peixoto</i> , por Júlio Brandão	84
<i>Rocha Peixoto e Ricardo Severo</i> , por Joaquim Costa	90
<i>A Biblioteca Pública do Porto</i> , por J. Pereira de Sampaio (Bruno)	103
[<i>Rocha Peixoto</i>], por Correia Pacheco	109
<i>In Memoriam</i> , por Monsenhor J. Augusto Ferreira	115
<i>Rocha Peixoto</i> , por Pedro Vitorino	119
<i>Rocha Peixoto</i> , por Raul Brandão	123

MANUSCRITOS

<i>Duas cartas de Rocha Peixoto a Santos Rocha</i>	127
<i>Um projecto que Rocha Peixoto não chegou a realizar</i>	138
<i>Rocha Peixoto, coleccionador de arte</i>	152

ÍNDICE DAS ESTAMPAS

	Págs.
<i>Rocha Peixoto na adolescência e na juventude</i>	18-19
<i>Reprodução do rosto do vol. I da Revista de Ciências Naturais e Sociais</i>	23
<i>Ex-Libris de Rocha Peixoto</i>	28
<i>Rocha Peixoto por 1907</i>	34-35
<i>Rocha Peixoto de capote</i>	50-51
<i>Ex-Libris da revista Portugalia</i>	54
<i>Rocha Peixoto, suas irmãs e o Dr. Manuel Monteiro</i>	60-61
<i>Três milagres do Bom Jesus de Matosinhos</i>	70-71
<i>Desenho encontrado no espólio de Rocha Peixoto</i>	73
<i>Cataventos reproduzidos por Rocha Peixoto</i>	81
<i>Rocha Peixoto cerca de 1909</i>	86-87
<i>Reprodução da capa dos fascículos da Portugalia</i>	97
<i>Retrato de Rocha Peixoto feito por Antônio Carneiro</i>	100-101
<i>Dois pratos da colecção Moreira Cabral</i>	110-111
<i>Reprodução das Instruções Regulamentares do antigo Museu Municipal do Porto</i>	114
<i>A casa de Rocha Peixoto em Matosinhos</i>	122-123
<i>Fac-simile de uma carta de Rocha Peixoto</i>	131
<i>Os participantes da expedição antropológica à Figueira da Foz (1898)</i>	134-135
<i>Fac-simile de uma carta de Rocha Peixoto</i>	137
<i>Reprodução do plano manuscrito do Dicionário Popular</i>	145
<i>Contador do século XVIII que pertenceu a Rocha Peixoto</i>	152-153

ACABOU DE SE IMPRIMIR NA EMPRESA INDUSTRIAL GRÁFICA DO PORTO, L.DA NO DIA 25 DE AGOSTO DE 1966



«marânus» - porto